

# **Análise reflexiva a partir da memória de um episódio de formação**

“Nos entremeios do saber: o Ser transcende o Ter.”

Marta Baggio Bippus<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação da Universidade Taubaté – UNITAU – no Mestrado Profissional em Educação.

## 1. Introdução

Ser professor nos confere muitas vivências. Boas, ruins, enriquecedoras, tristes, enfim, lidamos com seres humanos, cada um com seu perfil, com suas características, com seu modo de ser e, isso, nos leva, além de ensinar, a aprender muito também.

No meio de tudo isso, acontecem os “incidentes críticos”, que segundo Bolívar (2002 apud SÁ, 2004) são eventos significativos, acontecimentos cuja ocorrência nas trajetórias de vida indica uma ruptura, sendo significativos para quem os vivencia e dando lugar a mudanças de rumo no curso da vida. (SÁ, 2004).

Sendo assim, apresentarei brevemente minha trajetória profissional e seu desenrolar como professora de Educação Fundamental.

Nasci em São Paulo – Capital, graduei-me em Letras, pós-graduada em Língua e Literatura e, por fim, cursei Pedagogia. Trabalhei 26 anos como Secretária Executiva de grandes empresas no Brasil e na Alemanha. Em algum momento, o estresse da cidade grande, o trânsito irremediável, me empurraram para uma cidade do interior do Vale do Paraíba Paulista: Taubaté. De lá, um concurso numa cidade vizinha, me levou a conhecer a Zona Rural de uma cidade com menos de 7.000 habitantes.

Mudei-me em julho, concursei em agosto, iniciei dentro da sala de aula em setembro. As vagas existentes naquele momento eram para Zona Rural, sala multisseriada. Tudo muito novo, desconhecido até, foi um refazer de conceitos, de valores, de prioridades, do modo de ver a vida.

22 de setembro de 2014, meu primeiro dia letivo. Estava a 60km de casa, sendo 12km de estrada de terra. O horário de entrada era 7h00, então, saía de casa às 5h30, ainda escuro, ainda noite, mas já não tinha mais trânsito para me aborrecer, exceto quando alguma boiada estourava as cercas das fazendas e invadiam a estreita estrada de terra cascalhada. Não tinha estresse, tinha sim muita novidade, muita experiência nova.

A escola era composta por mim, a professora; pelo senhor que era cozinheiro e faxineiro e porteiro e zelador do prédio; e pelos alunos, pelos 13 alunos, sendo: 2

alunos do 1º ano, 4 alunos do 2º ano, 3 alunos do 3º ano, 2 alunos do 4º ano e 2 alunos do 5º ano. Uma sala multisseriada. Duas lousas. E só.

Estava sendo minha primeira experiência com Ensino Fundamental 1. Em São Paulo, concomitante ao meu trabalho na empresa, havia trabalhado na EJA como professora efetiva de Língua Portuguesa do Estado de SP.

Essa escola ficava a 40km, por estrada de terra, da sede principal da cidade, ou seja, a Secretaria de Educação, a Prefeitura, a Administração estava muito longe dali.

Cheguei na escola pontualmente, como sempre, tomei um cafezinho super-doce (depois de algum tempo pedi para que fosse diminuído o açúcar), e logo depois, chegou a Van que trazia todas as crianças.

Muitas crianças, ao chegarem na escola, já haviam permanecido cerca de 1 hora e meia dentro da Van, tão longe eram suas casas. Verdadeiros esconderijos no meio do coração da Mata Atlântica, que é onde ficava a escola.

Sala multisseriada era um termo novo para mim, supostamente já lido na LDB durante minha formação, mas algo distante de um pensar real. Eram 5 planos de aula, diferentes, que eu precisava fazer diariamente. Passei a utilizar alguns livros didáticos que encontrei pela escola e abusei do quesito organização, pois sem ela, não conseguiria dar conta de todos os conteúdos.

O diário de classe semipreenchido da professora anterior que só conheci através de um bilhete deixado na gaveta da mesa que me desejava “boa sorte”, foi meu guia. E tinha um “esqueminha” que dizia as aulas que deveriam acontecer: língua portuguesa, matemática, história, geografia, ciências, artes e educação física. Artes e Educação Física: eu mesma teria que ministrar, não tinha professores especialistas.

Talvez em meados de outubro, parecia que o tempo ali andava num ritmo diferente ... recebi a visita da Secretária de Educação:

\_ Tudo bem, professora?

\_ Sim, tudo bem!

Um diálogo curto, amistoso, gentil e fraterno. Isso foi tudo.

As crianças, no entanto, eram carinhosas, atenciosas, prestativas e adoravam ir para a escola. Dava gosto de estar ali. Elas queriam aprender, a todo custo. Do mesmo tamanho da vontade, eram as dificuldades de cada um. Havia uma defasagem muito grande, estávamos quase no início do 4º bimestre e os alunos do 1º ano ainda não estavam alfabéticos.

A região da Mata Atlântica, onde estávamos, é muito fria. O amanhecer lá é muito gelado, úmido, em qualquer estação do ano. Muitas crianças iam com chinelinho, sem meias, nem sapatos fechados. Foi aí que dei início a uma campanha de doação com os meus conhecidos de São Paulo. Consegui abastecer muitas das crianças com agasalhos, calçados e tudo mais.

Meu relato será feito em cima de um aluno em especial: seu nome é Isaque.

Acho que nesse dia comemorávamos algum evento, havia levado balões coloridos e refrigerantes.



O que me intrigava bastante era que o Isaque, fizesse sol ou chuva, sempre estava calçado com essas botinas de borracha bem maiores que seus pés.

## 2. Apresentação

Estávamos nos preparando para as provas do 4º bimestre, em meados de novembro. Fiz um apanhado de todo conteúdo dado e montei as provas de todas as disciplinas para todos os anos. (5 disciplinas X 5 anos diferentes = 25 modelos de provas distintas – nesse ano precisei comprar uma impressora, a escola não tinha e a prefeitura era muito longe).

O aluno Isaque começou a faltar com muita frequência, soube que ele tinha um irmãozinho muito doente e, por isso, ele não conseguia vir sempre à escola.

Apesar de estarmos na roça, no meio do nada, sabia da importância e da necessidade de se ter a avaliação escrita de cada aluno.

As provas começaram, Isaque ausente. Um dia, na hora da saída, acompanhei a Van até uma parte do caminho e pedi indicações de como chegaria à casa do Isaque.

Saí da estrada principal de terra e peguei um atalho lindíssimo no meio dos eucaliptos. Andava, andava, subia, descia, curva para direita, para esquerda, era como se a cena dos eucaliptos se repetisse. Procurava uma bifurcação em Y, deveria seguir à direita e logo veria uma porteira.

A porteira chegou. Desci, abri, passei com o carro, desci, fechei. E continuei, precisava achar a casa do Isaque.

Um pouco mais de estrada, agora bem mais estreita, algumas partes nem tinha mais as marcas de rodagem de pneus, ficava difícil saber que direção tomar, mas fui seguindo.

Outra porteira. Desci, abri, passei com o carro, desci, fechei. E continuei. O caminho cada vez mais estreito, pequenas pontes (mata burro). Cheguei num enorme lago, uma ruazinha estreita no meio do lago, era o único caminho a seguir. Passei.

Outra porteira. O mato já estava um pouco alto. Desci para abrir, mas preferi deixar a porteira aberta para facilitar meu retorno. Andei (dirigi) mais um pouco. Sobee. Desce. De repente, lá na frente, lá no alto, avistei algumas casinhas, umas 3 ou 4, longe umas das outras.

Fui até onde deu com o carro. Tive medo de ter cachorros bravos. Mas quando avistaram um carro chegando, logo vieram me receber. Era a mãe do Isaque, em seguida, veio ele correndo.

\_ Fessôra, ocê aqui?

Conversei com a mãe que eu estava preocupada de o Isaque perder as provas e, conseqüentemente, perder o ano. Por isso, tinha levado as provas para ele fazer em casa. Voltaria depois de alguns dias para buscá-las.

Naqueles poucos minutos que fiquei ali, percebi que a casa do Isaque não tinha janelas, eram panos que fechavam os vãos nas paredes, ainda estava bem inacabada. E que ele, diariamente, andava até aquela primeira porteira depois do Y, para pegar a Van. Calculei uns 3km a pé. Então, entendi porque o uso das botinas de borracha: a incidência de cobras e outros animais era bastante grande. Era uma proteção para ele.

Isaque quis me mostrar seu video game que não funcionava, seu video cassete que não funcionava, e seu sofazinho que ele dormia na sala. Só tinha esse sofá na sala. Mais nada. O irmãozinho dele dormia no quarto dos pais.

Despedi-me e fiz o caminho de volta.

Tudo bem, tudo normal na escola. Chegou o dia de eu ir buscar as provas que estavam na casa do Isaque.

Fiz todo o trajeto, às vezes, na dúvida se realmente estava no caminho certo. Dentro da floresta, parece que é tudo igual, não existe ponto de referência, é bem fácil se perder. Enfim, chegou a primeira porteira. Todo o ritual se repetiu. Abre, passa, fecha.

Cheguei. Todos correm para te receber, crianças, cachorros, galinhas, patos, é uma alegria ver um carro chegar.

A mãe estava com as provas na mão e logo quis se desculpar pelos borrões nos papéis.

Daí ela me explicou que quando Isaque foi começar a fazer as provas, percebeu que não tinha lápis para escrever. De alguma forma, saiu pelo mato a procura de algum vizinho (que eu não vi pelo caminho que percorri) para lhe emprestar um lápis.

Voltou, começou a fazer as atividades, percebeu que não tinha borracha. A solução encontrada pela mãe, foi usar miolo de pão (alimento escasso naquele cenário) como borracha, por isso desculpou-se pelos borrões que o acessório improvisado deixou nas folhas.

Na verdade, desde o primeiro dia na escola, eu percebi que minha vida nunca mais seria a mesma.

Esse episódio com o Isaque, essas descobertas que fui fazendo ao desbravar esses caminhos numa floresta desconhecida por mim, de saber de perto como as pessoas vivem, onde moram, como moram, pessoas que não têm nada: só quatro paredes e um teto. O que, na verdade, não é pouco, é o que eles precisam, e são felizes, e sorriem, e se esforçam, e vivem.

Eu havia saído de uma cidade grande, secretária executiva, lidava com altos executivos de vários países, tinha casa própria, bem instalada, padrão de vida bastante razoável, conheci outros países, fiz várias faculdades, enfim, de repente, tive contato com essa realidade tão distinta de tudo o que eu já havia vivido ou ouvido falar.

2014, acabou. No outro ano, fui para outra escola também na zona rural, só um pouquinho mais longe, porém lá era um vilarejo mais povoado (cerca de 300 moradores).

Isaque saiu da roça, seu irmão precisou fazer um tratamento de saúde e eles se mudaram para uma cidade vizinha. Continuei ajudando-os com doações. No Natal de 2017, foi a última vez que os visitei.

#### 4. Análise e interpretação

Início minha análise falando sobre a definição de alguns teóricos do que é “incidente crítico”.

Segundo Domingos (2015) foi nos Estados Unidos, com John Flanagan, que esta técnica foi desenhada. O autor refere-se a incidente como “... toda a atividade humana observável, suficientemente completa, para que por meio dela se possam fazer induções ou previsões sobre o indivíduo que realiza a ação” (FLANAGAN, 1954, p.166 apud DOMINGOS, 2015).

Sá (2005) fala que os “incidentes críticos” “Constituem situações imprevistas.” (p.96). A autora completa dizendo que podem ser comparados, por exemplo, ao divórcio, aos acidentes, às doenças, porém não se limitam a esse tipo de evento, Sendo que são considerados incidentes críticos, também, “as relações causais, a avaliação e os sentidos atribuídos pelo sujeito aos acontecimentos – situações por ele vivenciadas.” (SÁ, 2005, p.96).

Considero essa vivência que tive nessa escola na zona rural como um incidente crítico na minha vida e, conseqüentemente, na minha vida profissional, agora, como professora.

Esses relatos sobre incidente crítico tem uma característica temporal e pessoal. Como acrescenta a autora “No relato, o sujeito seleciona e organiza os fatos que lhe parecem mais relevantes.” (SÁ, 2005, p.97).

Embora aqui esteja sendo apresentado um relato autobiográfico, a própria autora é a relatora do incidente crítico vivenciado, contamos com a total veracidade das informações que é o que dará credibilidade ao texto exposto. Sobre isso, temos a seguinte colocação de Domingos que cita Dewey:

A abertura de espírito pressupõe, primeiro, que o professor assuma que pode errar. Depois é essencial que demonstre sensibilidade, disponibilidade e capacidade para ouvir opiniões, aceitar críticas e ainda para se autocriticar. A segunda atitude, a responsabilidade, transporta-nos para a reflexão do professor sobre as conseqüências do trabalho que desenvolve, as quais podem ser pessoais, acadêmicas, sociais e/ou políticas. Por fim, a sinceridade, tem um papel de destaque, pois a fiabilidade das conclusões obtidas depende em grande parte do facto



de a reflexão ter sido sincera. (DEWEY, 1933, apud DOMINGOS, 2015, p.68).

Almeida (2009) fala que os incidentes críticos “considerados como crises, rupturas, provocadores de mudanças de rumo” (p.199) que eles provocam uma reflexão sobre a formação e atuação na trajetória docente desse professor.

Com relação à prática reflexiva, Schön (1992 apud DOMINGOS, 2015, p.69) diz que “a reflexão é o que leva a que o profissional interiorize o seu modo de conhecer a realidade com que se depara.”

Diante da experiência que tive, precisei refletir bastante sobre o que é ser professor nessa situação tão adversa. Situação, essa, que nossa formação acadêmica não prevê, ao menos, não nos faz estudar a respeito.

No texto de Shulman, Shulman (2016), os autores falam de “uma nova estrutura para conceituar como professores aprendem e se desenvolvem em diferentes comunidades e contextos” (p.120).

Os autores também falam que os professores aprendem mediante uma reflexão crítica estruturada sobre suas práticas. O que se confirma no meu caso, pois foi aliada a uma reflexão crítica de todo episódio vivenciado que consegui pensar sobre minha prática e na melhoria dessa prática.

O que é ser um professor competente? Shulman, Shulman (2016) apontam que é “membro de uma comunidade profissional e está preparado, disposto e capacitado para ensinar e para aprender com suas experiências práticas”. (p.123).

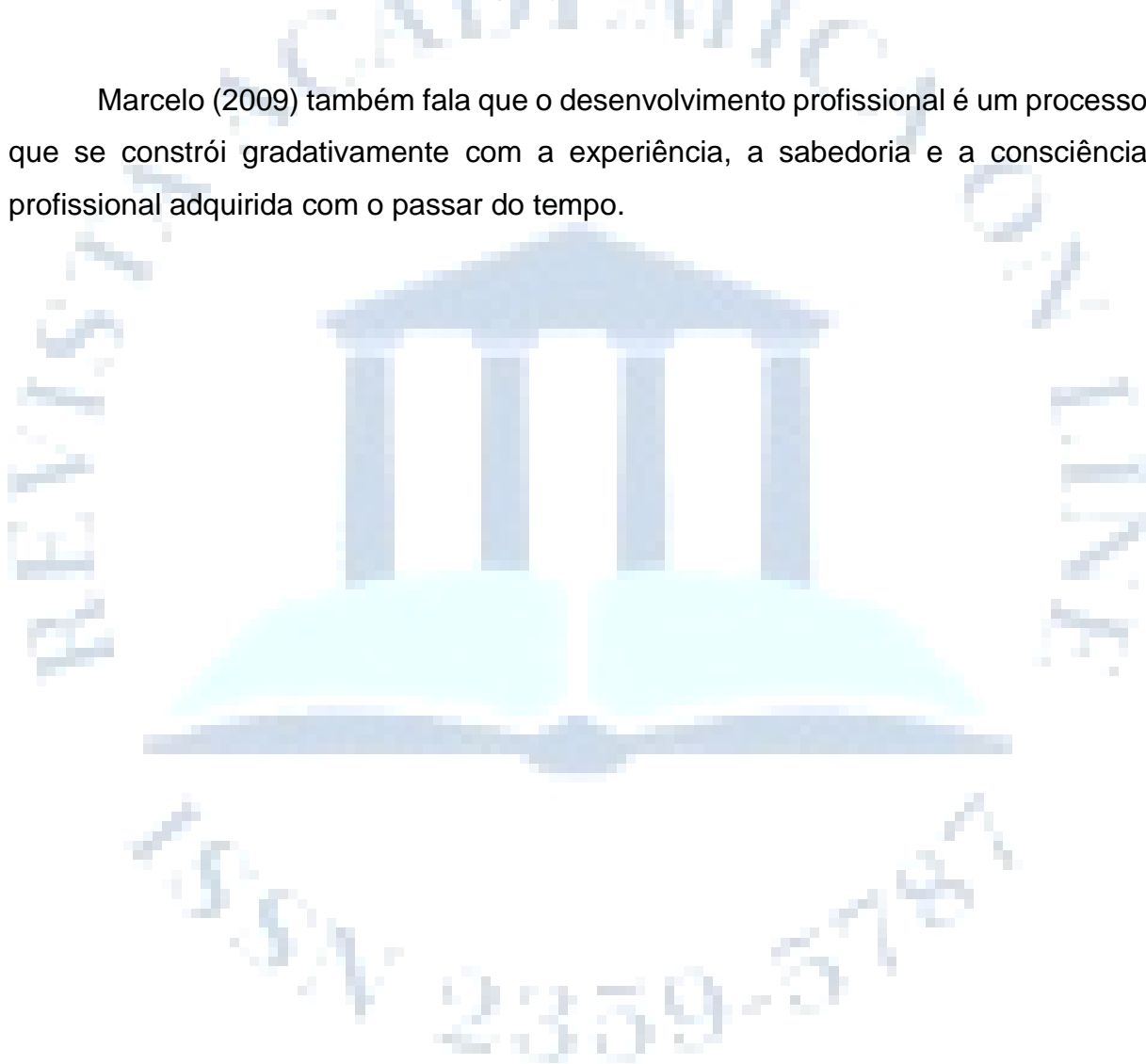
Alguns elementos característicos do professor competente são citados pelos autores, como o professor sendo: “Preparado (tem visão), Disposto (tem motivação), Capacitado (tanto sabendo, como sendo capaz de “fazer”), Reflexivo (aprende com a experiência) e Comunitário (agindo como membro de uma comunidade profissional).(p.123-124).

O professor é um profissional que está sempre em busca de seu desenvolvimento, seja por interesse pessoal, seja pela demanda que a própria profissão nos impõe dada sua complexidade.

Em seu texto “Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro”, o autor Carlos Marcelo (2009) cita algumas recentes definições do conceito de “desenvolvimento profissional de professores”, e uma citação que vai de encontro à nossa análise:

O desenvolvimento profissional docente é o crescimento profissional que o professor adquire como resultado da sua experiência e da análise sistemática da sua própria prática”(VILLEGAS-REIMERS, 2003 apud MARCELO, 2009,p.10).

Marcelo (2009) também fala que o desenvolvimento profissional é um processo que se constrói gradativamente com a experiência, a sabedoria e a consciência profissional adquirida com o passar do tempo.



## 5. Considerações finais

Poder relatar esse episódio da minha trajetória profissional como docente foi um momento bastante rico. Pude reviver momentos delicados, momentos que muito me sensibilizaram, mas momentos que marcaram um crescimento pessoal e profissional muito grande.

Foi um acontecimento marcante, esse específico aqui relatado, mas também toda minha vivência na zona rural cercada por crianças tão carentes e ao mesmo tempo tão cheias de vida, de experiências interessantes, de anseios e desejos tão ímpares.

Certamente, tudo isso me provocou muitas mudanças, retomadas de rumos tanto na minha vida pessoal quanto na profissional.

Determinadas situações nos fazem rever nossos valores e real importância das coisas ao nosso redor. Nos fazem refletir sobre qual é o nosso verdadeiro papel, como professor e como pessoa, dentro da sociedade.

## 6. Bibliografia

ALMEIDA, L. R. **O incidente crítico na formação e pesquisa em educação.** Educação & Linguagem, v. 12, n. 19, 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/EL/article/viewArticle/820>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

ALVES, Jurema Silvia de Souza Alves, SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos. **Incidentes críticos nas trajetórias profissionais de gestores escolares.** Universidade de Taubaté, UNITAU, Taubaté, 2015. ISSN 1982-7199 | DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991278> Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 3, p. 321-341, 2015.

DOMINGOS, Susana Isabel Caetano Domingos. **Análise de incidentes críticos no ensino superior:** (re)construção da identidade profissional do docente. Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Educação, especialidade em Formação de Professores, Universidade de Lisboa, 2015.

MARCELO, C. Desenvolvimento Profissional: passado e futuro. *SÍSIFO: Revista de Ciências da Educação*, n.º 8, p. 7-22, jan/abr., 2009.

SÁ, M. A. A. S. **Trajetórias docentes:** avanços, recuos e desvios na vida profissional de professores engenheiros. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

SHULMAN, L. S.; SHULMAN, Judith H. Como e o que os professores aprendem: uma perspectiva em transformação. *Cadernos Cenpec*. São Paulo, v.6, n.1, p.120-142, jan./jun. 2016<sup>i</sup>

---

<sup>i</sup> Produção Acadêmica Publicada em 14/12/2019. *Revista Acadêmica Online*. **Pesquisa Biográfica – Entrevista Narrativa Autobiográfica**